

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ELIZANDRO CARDOSO DE ANDRADE**

**DELINEANDO INVISIBILIDADES: MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO ÉTNICO  
EM CRICIÚMA A PARTIR DA OBRA “CRICIÚMA 1880-1980: A SEMENTE DEU  
BONS FRUTOS” (1985)**

**CRICIÚMA  
2019**

**ELIZANDRO CARDOSO DE ANDRADE**

**DELINEANDO INVISIBILIDADES: MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO ÉTNICO  
EM CRICIÚMA A PARTIR DA OBRA “CRICIÚMA 1880-1980: A SEMENTE DEU  
BONS FRUTOS” (1985)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Michele Gonçalves Cardoso

**CRICIÚMA**

**2019**

**ELIZANDRO CARDOSO DE ANDRADE**

**DELINEANDO INVISIBILIDADES: MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO ÉTNICO  
EM CRICIÚMA A PARTIR DA OBRA “CRICIÚMA 1880-1980: A SEMENTE DEU  
BONS FRUTOS” (1985)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 18 de novembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Michele Gonçalves Cardoso - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof. Tiago da Silva Coêlho - Mestre - (UNESC)

Prof. Emerson César de Campos - Doutor - (UDESC)

**Dedico este trabalho à minha mãe, Eliane  
Cardoso.**

## AGRADECIMENTOS

Chegamos ao momento de lembra-se de todos aqueles que influenciaram na vida acadêmica ou na produção deste trabalho, resultando de certa maneira em um grande esforço e temor de não esquecer quaisquer pessoas. Durante o percurso acadêmico foram tantos indivíduos com quem convivi, cada um com seu modo particular de ser, a turma de primeira fase do Curso de História da UNESCO de 2016 com seus 55 alunos matriculados, hoje, poucos destes ainda estão nele, mas cada uma daquelas pessoas contribuiu de alguma forma para o meu desenvolvimento acadêmico ou humano, agradeço a todos eles, meus colegas, meus companheiros.

Estes companheiros, não só de universidade, mas também de mesas de bar. Lembro-me de uma fala do nosso querido professor Tiago Coêlho em sua primeira aula de “Oficina de Ensino e Pesquisa: História, Imagem e Som” em que por vezes uma discussão em grupo, nas mesas de bares, pode se tornar mais produtivas do que uma em sala de aula. De momento, pensei que ele estava brincando, mas com o passar dos dias, com tantas discussões no antigo “3A”, percebi que elas também construíram minha forma de pensar e (re)pensar a sociedade.

Tendo isto, não posso esquecer de agradecer aos companheiros de bar. Bruno Limas que sempre me propôs olhar as relações humanas por fora do meu universo fechado, discutindo as relações de trabalho e de classe, me incentivando também, a lutar pelo que acredito e por nossa classe. Erick Martignago, o famoso “Jesus”, que me acompanhou durante todo este percurso, tornando os dias mais alegres e ilustres, me acompanhando e dando incentivo a explorar ‘novos horizontes’. Isadora Rodrigues que me auxiliou a perceber que o mundo não funciona apenas na academia, nos livros e discussões, mas que as vivências diárias, que o ser um indivíduo no seu tempo também é um ato imprescindível na construção do historiador. Kálita da Silva que fora uma amiga inseparável nestes últimos anos, me auxiliando a superar momentos de tristeza e solidão, companheira também, de escrita e apresentações, influenciou em minha vida, mais do que talvez ela imagine.

Devo agradecer também, ao meu amigo Arthur Videira, indivíduo único, que sempre serei sortudo em contar com sua amizade, sempre se preocupou comigo, dividiu comigo momentos de estresse que tive, me ensinou lições imprescindíveis sobre a vida, também tornou meus dias mais proveitosos e felizes, assim como, me fez aprender as coisas sutis da vida, mas que fazem toda diferença. Nathália Cabral,

com sua personalidade incrível, talvez uma das mulheres mais inteligentes com que convivi em minha vida, me mostrou que a vida exige para além da seriedade, momentos de descontração. Douglas Muniz, que me propiciou diversas discussões, algumas proveitosas, outras estressantes, me ensinou que a vida funciona também fora dos pares, e que o diálogo com um contraponto se torna necessário para a construção de uma sociedade melhor. Tainá Agostinho e Egar Preis que no percurso destes anos me ensinaram a ministrar as vivências, a tomar atitude e descobrir que a vida é feita de decisões, agradeço também a sinceridade que ambos tiveram comigo durante esse período e todo o apoio que me deram. E Marcos Guerreiro cujo me acompanhou em discussões sobre a vida contemporânea e passada, me ensinou que ser fechado em pensamentos por vezes não torna a vida construtiva. Fernanda Crotti, me ensinando a sorrir para o mundo, que existe graça e alegria nas coisas mais singelas da vida. Agradeço a todos àqueles(as) cujos nomes não citei, mas de que de alguma forma, contribuíram para minha construção e me acompanharam neste percurso.

Agradeço ao corpo de professores do curso de História da Unesc, em especial, Michele Cardoso minha orientadora e companheira de debates, me ensinou e provocou a pensar fora da zona de conforto, por me ensinar que para além da consciência é preciso a sensibilidade, agradeço por acreditar em mim e na produção do meu trabalho, por suportar os dramas e momentos de desesperança, por estar presente, seja pessoalmente ou por seus longos áudios, pelas risadas e brincadeiras, sem ela este trabalho não seria proveitoso, acredito que a coordenação do curso de História não poderia estar sobre melhor atenção nos anos (2020-2023) de construção e lutas que virão. Agradeço ao Professor Tiago Coêlho por seu auxílio para minha permanência na graduação, também por suas ponderações pertinentes e construtivas, me ensinar a analisar e discutir as romanizações em História, por sua ótima gestão (2017-2019) na coordenação do curso que construiu positivamente um viver cotidiano com os acadêmicos e acadêmicas, e propiciar a permanência de diversos colegas na graduação. Professora Marli Costa que me ensinou que a história não é feita somente de acontecimentos e processos, mas também de seres humanos, suas vivências, suas memórias, e por me mostrar que a luta é diária e contínua. E a todos os outros professores não mencionados aqui, mas que me propiciaram visões diversas, constituíram e (re)construíram o meu pensar História.

Minha mãe Eliane, por lutar e se esforçar o máximo possível cotidianamente nestes anos para propiciar aos seus filhos uma vida digna e ensiná-los a lutar por seus sonhos, sem esta mulher minha graduação não seria possível, minhas vivências não seriam tão proveitosas, serei sempre admirador da mulher guerreira e empoderada que é. Minha irmã Elisiane e meu Cunhado Joel, por serem pessoas incríveis que me auxiliaram e incentivaram neste processo, por se interessarem no meu percurso na história.

Por fim, agradeço aqui, ao Programa Universidade para Todos (ProUni) que me possibilitou o sonho de me graduar em História, assim como de diversos outros brasileiros e brasileiras atingirem a graduação que talvez de outra forma não seria possibilitada.

**“Todo Historiador tem seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual sondar o mundo.”**

**Eric Hobsbawm**



## RESUMO

Em 1980 Criciúma realizara seu Centenário de Fundação, este evento entrou de forma intrigante na história do município. Neste momento se produziu um discurso identitário étnico para o município em questão, propondo cinco grupos étnicos para o município. Cinco anos após a realização do Centenário de Fundação, o governo municipal lançou a obra “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” (1985) com autoria de Otília Arns. Este livro com caráter oficial procurou construir narrativas acerca dos cinco grupos étnicos (italianos, alemães, poloneses, portugueses e negros), porém isto não quer dizer que todos estavam em igualdade. Nota-se a construção de uma narrativa (in)visibilizadora em relação aos dois últimos grupos étnicos, em especial o grupo chamado “negro”. Portanto, buscamos evidenciar quais subsídios são utilizados pela autora para se construir a narrativa, identificando estes como sendo principalmente o “pioneirismo” e a “catolicidade”. Utilizando-se destes dois aspectos a autora constrói uma narrativa com caráter relacional, ou seja, os grupos negro e português se tornam presentes apenas de maneira a sobrevalorizar os imigrantes “pioneiros”, tidos como italianos, e também o grupo alemão. Para a realização desta discussão utilizamos de conceitos como “etnicidade” com Poutgnat e Streiff-fernat (1998), assim como “invenção das tradições” com Hobsbawm (2018), buscando desta maneira identificar como se constitui a construção de uma Criciúma pautada em uma identidade étnica, assim como analisar a criação de práticas e normas tidas como a uma “tradição” criciumense.

**Palavras-chave:** Etnicidade. Identidade. Tradição. Pioneirismo. Catolicidade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 ENTRE NÓS E ELES: INVENTANDO O 'SER CRICIUMENSE'</b> .....	14
2.1 FRONTEIRAS: ESTRUTURANDO PIONEIROS E INDESEJÁVEIS.....	21
<b>3 REPETINDO O NÃO DIZER: SILENCIANDO SUJEITOS OUTROS DO COTIDIANO</b> .....	27
3.1 CATOLICIDADE: OPERACIONANDO AS DIFERENÇAS .....	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca dialogar sobre a etnicidade em Criciúma, especificamente, o processo de materialização do discurso do Centenário de Fundação de 1980, entendido aqui como o livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” (1985) com autoria de Otilia Arns. Sendo assim, busca-se analisar de que forma se constitui a discursiva sobre a etnicidade no livro; em que perspectivas são abordadas cada etnia, tendo em vista o apontamento da autora que esta narrativa é uma “conscientização histórica”. Procura-se identificar a construção de uma certa hierarquia entre os diferentes grupos étnicos aos quais a autora se propõe a dissertar, dando maior ou menor relevância à um determinado grupo.

Em vista desse cenário, o presente trabalho corresponde às diversas problemáticas vivenciadas na vida acadêmica, desde seu início entrando em contato com questões como representações e construções sociais. Dentre estas, inquietavam-se as vinculadas à construção identitária e suas referências à um passado longínquo. Porém irrompido em uma temporalidade próxima, visando atingir objetivos políticos e/ou econômicos momentâneos. Torna-se necessário ressaltar também que nas disciplinas de História de Santa Catarina I e II entrei em contato com diversas referências em relação à construção identitária no estado, e com a produção de um artigo acerca dos municípios de Criciúma e Blumenau, assim, o interesse sobre a temática começou a se intensificar.

Nesses anos de graduação e de inquietações pude contar com o auxílio e orientação da professora Michele Gonçalves Cardoso, cuja participação nesse período resultou na produção de alguns artigos, resumos e atividade educativa, estes por sua vez, vinculados à construção identitária “criciumense”, pautada no discurso étnico. Com este processo de escrita e pesquisa surgiram outros questionamentos e a necessidade de compreender estes discursos, no caso deste trabalho, buscando dar atenção adequada a obra de Otilia Arns, levando em consideração sua intensa utilização em produções acadêmicas que dialogam com a etnicidade na região.

Criciúma é um município situado no sul do estado de Santa Catarina, tendo como data de fundação oficial o ano de 1880, a partir da chegada de imigrantes europeus, em um primeiro momento figurado sobre a égide dos imigrantes italianos. Durante décadas o município teve na atividade carbonífera seu principal meio

econômico, sendo reconhecida até como a “capital nacional do carvão”. Em 1980, portanto, cem anos após sua fundação, realizam-se os festejos de seu centenário, que buscou desenvolver uma mudança na discursiva sobre a cidade, tanto interna, quanto externamente, visando desta forma, a partir do discurso étnico, alterar a visibilidade do município, desvinculando progressivamente da atividade carbonífera, e também, abrindo-se para o mercado do turismo étnico.

Tendo em mente que o objeto de análise do texto a seguir é a materialização da discursiva promovida no Centenário de Fundação de Criciúma em 1980: a obra produzida por Otília Arns em 1985, intitulada “Criciúma 1880 – 1980: a semente deu bons frutos”. Podemos compreender este como um movimento de reafirmação positivada do imigrante fundador, tidos oficialmente como sendo italianos, e também, dos alemães e poloneses, que vieram para a região posteriormente. Desta forma notando-se uma diferenciação entre fundador e demais grupos étnicos, não obtendo a mesma ‘primazia’/importância, pois, nota-se uma certa ‘fetichização’ ao pioneirismo, onde os indivíduos que chegaram à região posteriormente - segundo a discursiva ‘centenarista’ e a narrativa de Otília Arns, por sua vez, influenciada pela anterior - apenas auxiliaram os italianos no ‘progresso’ da cidade, e relevância menor ainda as chamadas etnias negra e portuguesa.

Conseqüentemente, se torna necessário analisar historicamente as representações étnicas do município de Criciúma. Assim sendo, para compreender este movimento de afirmação discursiva, investigaremos por meio dos conceitos de etnicidade na perspectiva de Poutgnat e Streiff-fernat (1998), com este buscando entender o movimento de (re)afirmação identitária étnica, seja para com os habitantes de Criciúma, ou em relação aos outros municípios. Desta maneira, buscando analisar a identidade pautada no discurso étnico como um movimento dualista, de construção do “eu” e do “outro”, em uma oposição instituída através de classificações sociais. Sejam elas, por meio de características físicas e/ou culturais, porém, estas características não são intangíveis, isto é, são aspectos voláteis, modificando-se e sendo atribuídos novos significados conforme realizam-se as práticas sociais em contato com outros grupos sociais de tipo étnico. Desta forma, vale destacar que em Criciúma estas relações se tornam amplamente recorrentes por causa do constante contato entre diversos grupos de tipo étnico, o que acaba por favorecer sua visibilidade e processos de (re)significação contínuos.

Utilizaremos também a perspectiva de tradição, dialogando com Hobsbawm (2018). Identificando as tradições como um conjunto de práticas e normas, que buscam inculcar valores e comportamentos na sociedade à qual se aplica, investida com poder simbólico e/ou ritual, desta forma, adentrando no cotidiano dos indivíduos como algo “natural”. A sociedade contemporânea globalizada, embora seja um processo atual, busca legitimar-se em tempos remotos, encontrando na construção de tradições com narrativa histórica o espaço para conquistar o respaldo para sua “legitimidade”. Ou seja, sua naturalização, para desta forma não precisarem de outras definições se não aquelas que digam respeito aos seus próprios interesses (HOBSBAWM, 2018).

Posto isto, o presente trabalho se divide em dois momentos, no primeiro estrutura-se uma breve discussão acerca do processo do Centenário de Fundação à publicação do livro “Criciúma 1880 – 1980: a semente deu bons frutos” (ARNS, 1985), a partir disto, discutindo questões como a etnicidade posta no discurso centenarista e na narrativa de Arns, estruturando a análise também do significado de ‘ser pioneiro’ nesse cenário. No segundo capítulo, buscaremos dialogar questões como a catolicidade na narrativa de Otilia Arns, operando discussões com Otto (2006) acerca da o “binômio fé/italianidade”, ou seja, buscaremos discutir a construção da religiosidade a partir de um cunho étnico, ao ponto em que catolicidade e etnicidade acabam por confundirem-se em determinados aspectos. Examinaremos também, a utilização da catolicidade como ponto relacional entre os diferentes grupos étnicos, com intenção de discutir a construção de invisibilidades em relação à determinadas práticas religiosas, ou mesmo, em relação aos diferentes grupos. Devemos destacar aqui, que as invisibilidades à serem discutidas são àquelas que de alguma forma se tornam presentes no livro de Otilia Arns, ou seja, aspectos/grupos/práticas em algum momento citados pela autora, porém presentes apenas para legitimar outros sujeitos. Por fim, buscaremos discutir a relação entre os arranjos familiares da autora e a catolicidade, ou seja, como a catolicidade fora utilizada de maneira a sobrevalorizar a família Arns.

Desta forma, busca-se neste trabalho, através de análise de fragmentos do passado, testemunhos de outras temporalidades, em conjunto com interpretações do presente, estruturar uma narrativa sobre o município em questão, tendo a construção simbólica do discurso étnico como ponto de análise. Entendendo que este processo busca construir uma identidade simbólica para a cidade de Criciúma, mesmo que para

isto, precise invisibilizar as diferentes maneiras de se viver a cidade, que não aquelas vinculadas as interações sociais interétnicas. Assim como o poeta busca em sua dor e solidão construir interpretações diversas nos indivíduos, buscamos aqui abordar uma das diversas perspectivas possíveis sobre Criciúma, assim como, ao longo do texto indicar outras perspectivas potenciais para outros pesquisadores interessados na temática.

## 2 ENTRE NÓS E ELES: INVENTANDO O 'SER CRICIUMENSE'

Cotidianamente ao trafegar pelo município de Criciúma nos deparamos com diversas referências à migrantes, principalmente italianos e seus descendentes, mas o que isso pode nos revelar? Não obstante também nos deparamos com referências à um certo evento, o “Centenário de Fundação de Criciúma”, seja na principal avenida da cidade, a “Avenida Centenário” ou na área circundante à Prefeitura Municipal de Criciúma, área esta, intitulada de “Parque Centenário”. Neste parque também encontramos o “Monumento às Etnias”, em uma área elevada em relação as outras estruturas, no qual estão fixados 5 pilares, que popularmente ficou compreendido como referência às cinco etnias em ordem de ‘importância’ (italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra). Porém, como podemos analisar com Campos (2003, p.188), o que fora imaginado por Manoel Coelho (arquiteto que o projetou) para o monumento, seria a representação de uma mão que produzia riquezas, em um primeiro momento com a agricultura e posteriormente com o carvão, este monumento fora inaugurado em 6 de janeiro de 1981. Sendo assim, podemos nos perguntar, quais relações podemos traçar entre ‘etnias’ e ‘centenário’ em Criciúma?

As festividades do Centenário de Fundação de Criciúma, iniciadas em 6 de janeiro de 1980, portanto, cem anos após a data oficial de fundação do município (06/01/1880)<sup>1</sup>, tem por objetivo produzir um olhar sobre a cidade, um ‘viver a cidade’, diferente daquele até então relacionado às atividades carboníferas, e também, uma maneira de fazer a população sentir-se parte do município. Em relação à isto, buscamos analisar um suporte de afirmação do discurso étnico em Criciúma: o livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” (ARNS, 1985). Porém, antes de adentrar na análise deste, devemos entender um pouco sobre a construção do Centenário de Fundação de Criciúma.

Nas últimas décadas do século XX, embora com a economia já diversificada, Criciúma ainda vivia intrinsecamente vinculada ao carvão, já que a cidade outrora fora conhecida como a “Capital Nacional do Carvão”. Porém, a economia carbonífera era instável, vivenciando diversas crises. Nas últimas décadas do século passado, ocorrera uma crise de combustíveis fósseis, em especial, o petróleo, desta forma, as

---

<sup>1</sup> Otília Arns (1985) menciona através de nota de rodapé a existência de um conflito entre a data de chegada dos colonizadores italianos, obtendo relatos que a chegada fora no dia 14 de fevereiro de 1880 ou 16 de fevereiro do mesmo ano.

atividades carboníferas conseguiram elevar-se no mercado na década de 1980, mas não duraria muito tempo, tendo em vista as preocupações então emergentes sobre a emissão de gases poluentes. Aliando-se à isto, o carvão de Santa Catarina era utilizado principalmente na produção energética em termoelétricas, também tínhamos o mundo que se globalizava cada vez mais intensamente, e neste momento, a geração de energia alternativa não era apenas um sonho futuro, mas vivenciada em partes do mundo, à exemplo disto, as usinas nucleares, hidrelétricas, energia eólica, ou até mesmo, solar. Sendo assim, o carvão já demonstrava o prelúdio de sua decadência no mercado mundial. Desta forma, Criciúma precisava se afirmar por meios que não mais àqueles vinculados a vivência carbonífera.

Devemos pensar também, que em 1980 o Estado brasileiro se encontrava há dezesseis anos sobre a opressão de um governo ditatorial, dezesseis anos de luta e reivindicação popular, em busca da participação política, de liberdades, da democracia há anos usurpada, mas não esquecida pelos brasileiros. Neste período, o Brasil encontrava-se em processo de redemocratização, ou seja, o movimento de transição do regime autoritário para outro novamente democrático, no qual em 1985 já havendo eleições indiretas, porém, apenas em 1989 o povo exerceu seu poder de decisão através de votações presidenciais. Neste cenário, tínhamos o prefeito do município de Criciúma, Altair Guidi integrante do partido oficial ARENA (Aliança Renovadora Nacional), que talvez neste momento já percebera a necessidade de integrar a população no discurso oficial, para desta forma obter ‘sucesso’ político.

Atentando a isto, em 1980 já se percebera que a população brasileira exigia sua participação nas decisões sobre os rumos do país, e também, em âmbito regional. Embora durante o regime ditatorial brasileiro houvessem eleições para prefeitos e vereadores, estas eram impostas sob ótica/regras do governo militar. Durante o regime foram colocados os demais partidos políticos na ilegalidade, restando apenas dois partidos, sendo estes, a ARENA, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), desta forma, buscando construir uma ‘ilusória’ participação popular. Neste âmbito, o festejo do Centenário de Fundação foi a grande proposta da primeira gestão Guidi – 1977-1983 – neste momento, sem passar por eleições livres e democráticas. “A participação popular nos festejos do Centenário era central para o projeto eleitoral que o Governo Guidi possuía para a cidade.” (NASCIMENTO, 2012, p.141). Sendo assim, pensaram-se em 3 etnias fundadoras (italiana, alemã e polonesa) para se homenagear no Centenário, mas podemos inferir que devido à este contexto político,



acrescentaram-se mais duas (portuguesa e negra)<sup>2</sup>, pois desta forma, procurava-se abranger a maior parte da população, construindo assim “uma festa de todos”.

Pensando sobre a liberdade de atuação dos atores vinculados à grupos étnicos, Poutignat e Streiff-Fenart (1998) buscam diálogo com Handelman (1977), discutindo diferentes níveis de categorização dos grupos que podem existir em uma mesma sociedade, desta forma apontam organizações de tipo “lateral” e “hierárquico”.

Numa organização de tipo lateral, os indivíduos têm a possibilidade de escolher as bases (étnicas ou não étnicas) de seus contatos interpessoais, podendo a mesma pessoa ser categorizada em função de diferentes critérios cuja pertinência é avaliada de acordo com a situação de interação. Nas organizações de tipo hierárquico, todos os atributos categoriais de uma pessoa são interpretados em termos de etnicidade sem que o indivíduo possa fugir a essa designação globalizante. (HANDELMAN, 1977, apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.135)

Desta forma, podemos inferir que embora a festa fosse proposta para ser de todos, não significava que todos os indivíduos seriam iguais perante a identidade que se formulava para o município. Durante todo o ano do centenário, com suas exposições culturais, nota-se que dentre as etnias, também existia uma hierarquia, a própria denominação Centenário de ‘Fundação’ já nos revela uma positividade existente, pois se buscou evidenciar e ‘fortalecer’ a noção de pioneirismo, o fundador com sua imponência. Observa-se que as etnias fundadoras tinham caráter de superioridade às demais, utilizando-se de algo físico para explicar isto, como o “Monumento às Etnias”, mencionado anteriormente.

O monumento está lá, e apesar de problemas como infiltração e outros, continua falando para a cidade: **Cinco**. Se há algo positivo na valoração étnica, é bom que se diga que, ao que pude perceber populações antes pouco visibilizadas ou excluídas, caso da chamada etnias portuguesa e da negra, alcançaram visibilidade. Mas isto não significa necessariamente inclusão. (CAMPOS, 2003, p.189)

O monumento ficou popularmente conhecido por cada pilar representar uma etnia, em ordem: italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra. Esta ordem não se dera pela ‘aleatoriedade’, mas sim, com um poder simbólico de exclusão, na ordem mencionada, sendo do maior até o menor pilar, mais próximo à base, referenciando-se assim, à relevância e contribuição de cada etnia à cidade. Desta forma, podemos

---

<sup>2</sup> Intriga-me a ‘integração’ da denominada etnia negra, fora ela, pensada pela gestão municipal, promovendo maior representatividade popular em um movimento “de cima para baixo”, ou integra-se e permanece aos festejos por meio de reivindicação por parte da população que sentira-se excluída dos festejos ainda em projeto? Mas isto deve ter atenção especial em projetos futuros.

perceber também, que, enquanto quatro grupos dedicam-se à indivíduos branco-europeus, temos a “etnia negra”, generalizada em diversas formas, e também, que busca coibir designações diferentes para estes indivíduos que não sejam aquelas vinculadas às interações étnicas. Sendo assim, compreendemos que dentre os grupos pensados neste momento temos ao mesmo tempo relações de tipo “lateral”, dentre as etnias europeias, e “hierárquica” na relação entre os grupos brancos e negros. Não visamos deduzir aqui que dentre as etnias europeias não existia uma espécie de discurso de maior ou menor ‘importância’ para Criciúma, mas esta diferenciação torna-se mais evidente na construção de um *Eu* europeu e um *Outro* não-europeu.

Figura 1: Monumento às Etnias - Criciúma



Fonte: Manoel Coelho. Disponível em: <http://www.mcacoelho.com.br/?portfolio=cidade-de-criciuma-%E2%80%A2-monumento-centenario>

O arquiteto Altair Guidi, então prefeito de Criciúma, buscou através de reformas urbanísticas criar a noção de uma cidade moderna. “A avenida Centenário tornou-se a principal imagem da proposta de cidade que Altair Guidi estava construindo, junto com o calçadão, e que era mostrada e vista a partir de suas obras.” (NASCIMENTO, 2012, p.91) A Criciúma proposta por Guidi visava desvincular-se da imagem carbonífera, e adentrar ao visual das grandes cidades modernas, mas não bastava apenas modificar a edificação, era preciso mostrá-la como tal. Portanto a difusão midiática da cidade tornou-se extremamente importante, seja pelos jornais, ou pelos “cartões postais”, nos quais, demonstravam-se a Avenida Centenário, com o novo terminal urbano e os altos prédios que os rodeavam (NASCIMENTO, 2012). Mas,

se por um lado, a gestão Guidi procurou desvincular o município do passado carvoeiro, por outro era necessário construir outro discurso, no qual a população sentia-se parte. Desta forma, surge o discurso étnico, o discurso do Centenário de Fundação, um suporte para fazer os indivíduos sentirem-se parte de Criciúma, tendo como sua materialização a obra “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” com autoria de Otília Arns (1985).

Em relação à isto, após os festejos do Centenário de Fundação, a população cricumense precisava compreender-se como parte do evento, representada neste que fora um momento de autoafirmação do município perante seus vizinhos, então, tornava-se necessário materializar o discurso centenarista, para o povo poder ‘tocar’ e ‘ver’ a sua participação na identidade do município. Consequentemente, esta obra materializada, precisava ser colocada em um ‘panteão’, ser olhada e contemplada pelos indivíduos como uma verdade absoluta<sup>3</sup>, inquestionável. Não desejando aqui, fazer simples jogo de palavras, como buscaremos evidenciar a seguir.

Precisamos inferir aqui que o discurso centenarista e a narrativa de Arns embora estejam intimamente relacionados, não se tratam do mesmo objeto. Sugerimos aqui, que o centenarismo divide-se em três momentos; em um primeiro movimento elabora-se um discurso para o Centenário de fundação, entendendo este momento como sendo os anos iniciais da gestão Altair Guidi, anteriores ao Centenário, no caso, 1977 à 1979, sendo assim, o primeiro momento é a elaboração do discurso centenarista. O segundo momento trata-se da consolidação do discurso, isto é, os festejos do Centenário de Fundação, permeando os anos de janeiro de 1980 à janeiro de 1981. E por último, a materialização do discurso centenarista, expondo-se aqui a narrativa de Arns publicada no ano de 1985. Portanto, a obra de Arns trata-se de um dos aspectos do discurso centenarista. Isto não significa dizer que pelo centenarismo dividir-se em três momentos ele deixa de existir após a obra de Arns, pelo contrário, ele continua a influenciar e respaldar eventos outros na cidade de Criciúma, como por exemplo, as primeiras edições da Quermesse de Tradição e Cultura, iniciada em 1989.

---

<sup>3</sup> [...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um “objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005. p. 21-22)

Antes de prosseguirmos torna-se necessário destacar a existência de um livro anterior ao de Otília, que busca estruturar apontamentos sobre a história de Criciúma, livro este, intitulado de “Criciúma: Amor e Trabalho” (1974). Segundo Nascimento (2012, p.124-125) o livro é dividido em duas partes, a primeira com autoria de José Pimentel e Mário Beloli, e a segunda de Hélio dos Santos Corrêa e Agostinho da Silva. O livro busca estruturar uma narrativa sobre os imigrantes Italianos, Poloneses e Alemães, assim como, aspectos sobre a estrutura econômica e administrativa de Criciúma. Foi relançado em 1977 durante a gestão municipal de Algemiro Manique Barreto (1973-1976), que constou com algumas alterações, como aspectos sobre a administração deste prefeito. Esta obra evidencia também aspectos sobre a descoberta do carvão, implementação das carboníferas e chegada da estrada de ferro.

A primeira obra se pautou exclusivamente em documentos, sejam eles escritos ou fotográficos, diferentemente do livro de Otília que se utilizou para além de documentos do período, de entrevistas, resultando de certa forma em um projeto ‘inovador’ no que diz respeito ao levantamento de dados sobre a temática. Precisamos destacar também, a divergência de personagens nas duas obras, embora ambas se proponham a dialogar sobre grupos étnicos, a primeira de 1974 traz vínculo para com as atividades carboníferas, enquanto a segunda, de 1985 busca dialogar acerca de outros aspectos, como a catolicidade e as relações interétnicas, além de, buscar estruturar narrativa sobre mais dois grupos (luso e negro), além de aquela, visar retratar e positivar a gestão Barreto (1973-196), e essa a gestão Guidi (1977-1983). Para além disto a narrativa de Otília se constitui também como uma tentativa de embasar cientificamente o discurso oficial acerca dos grupos étnicos, desta maneira visando identificar-se como de maior relevância, ou mesmo, de maior veracidade que a anterior.

Identificando a materialização do discurso centenarista como o livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos”, precisamos antes de adentrar em sua análise, discorrer brevemente sobre o mesmo. Obter dados sobre a autora do livro, Otília Arns, provou-se um movimento ‘delicado’, por conta da inexistência de um currículo acessível sobre a mesma, portanto, o que constatamos fora encontrado em matérias de jornais, artigos ou livros que analisam algumas de suas obras. Sendo assim, com o pouco material encontrado sobre a vida acadêmica da autora, podemos constatar que Otília Arns graduou-se em antropologia, e com o tempo passou a atuar na área

de Letras, sendo Coordenadora do curso de Letras Clássicas da Universidade Federal do Paraná - UFPR, e aposentou-se pelo cargo de professora de Língua e Literatura Inglesa da UFPR. Otília Arns foi indicada para a produção do “Livro do Centenário” por Bertoldo Arns<sup>4</sup> (CAMPOS, 2003, p.187), pois, a produção do livro por uma criciumense daria respaldo científico para o discurso centenarista, desta forma agregando um teor de ‘veracidade’ para os fatos narrados.

[...] à medida que apenas as etnias são construtoras da cidade, a obra etniciza Criciúma e retira da sua história outras dimensões temáticas possíveis, silenciando vozes e fechando possíveis olhares, numa cidade cuja história-memória torna-se unívoca. (NASCIMENTO, 2012, p. 130)

Desta maneira, a obra invisibiliza os indivíduos que não se identificam com os grupos étnicos, tratando-se então, não apenas de difundir aspectos históricos da cidade, mas também, de uma busca por enclausurar diferentes perspectivas acerca das vivências em Criciúma. Portanto, o livro traz uma análise geral acerca dos acontecimentos do “ano 100”, análise sobre a “estrutura étnica” de Criciúma no contexto de produção do livro, e construção narrativa acerca das cinco etnias mencionadas anteriormente (italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra), não referenciando outras perspectivas de se ‘viver’ Criciúma.

Pensando nisto, percebemos que a etnicidade se constitui enquanto núcleo da construção narrativa de Otília Arns, pois o mesmo inspira-se no discurso centenarista e busca materializar este. Podemos ter esta interpretação antes de abrirmos seu livro, pois lá está na capa do mesmo, uma ilustração do ‘monumento às etnias’, demonstrando assim seu intrínseco elo com o Centenário de Fundação, ou mesmo a titulação “A semente deu bons frutos”, buscando construir assim, relação ao monumento, com o colonizador agricultor, ou mesmo uma alegoria aos colonizadores como os ‘produtores’ da cidade, no sentido de que, Criciúma fora desenvolvida somente por ocasião destes indivíduos e das características qualitativas à eles atribuídos. Além de referenciar-se à expressão utilizada para divulgação das festividades do Centenário de Fundação, como nos folders das festas vinculadas às etnias. Compreendendo isso, torna-se necessário discutir este conceito ‘eticidade’, dialogando com Poutgnat e Streiff-fernat (1998).

---

<sup>4</sup> Bertoldo Arns foi coordenador da Comissão de Cultura da Comissão Central dos Festejos do Ano 100.

## 2.1 FRONTEIRAS: ESTRUTURANDO PIONEIROS E INDESEJÁVEIS

A etnicidade se trata de um modelo de classificação social, construída em um movimento 'dualista', na construção do *eu* e o *outro*, *nós* e *eles*, atribuindo características ao seu grupo, sempre em oposição à características distintas, atribuídas ao outro. “[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas.” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.124) Sendo assim, a construção da pertença étnica, a simbologia à qual está imbuída, surge do processo de contato com os diferentes grupos, onde ambos constroem a si e aos outros. Ou seja, não se sente ‘italiano’ ou ‘alemão’, sem antes entrar em contato com um grupo diferente, assim construindo os limites entre *nós* e *eles*.

Considera-se habitualmente que os grupos étnicos (como as castas) distinguem-se de outros grupos organizados (como os grupos religiosos ou as classes sociais) por seu modo de recrutamento, que se realiza sob o princípio do nascimento. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.160)

Posto isto, a etnicidade acaba por estabelecer fronteiras entre os grupos não somente por características culturais ou simbólicas, mas também, pela descendência, que no caso de Criciúma acaba por tomar papel relevante, tendo em vista que, aspectos construídos pelo discurso centenarista e na narrativa de Otília Arns para os grupos étnicos, acabam criando a noção de uma transmissão por ‘essência’ de um indivíduo para o outro devido à descendência, uma ‘primordialidade’. Desta maneira, essa construção simbólica de uma permanência da cultura dos imigrantes fundadores acaba por gerar problemáticas na sociedade contemporânea, tendo em vista que:

Não se busca, ao que parece, recuperar os costumes dos imigrantes no tempo do núcleo colonial, mas aquilo que se chama o “típico” daquela cultura e que, quando elaborado, é dado como espetáculo na festa. No fim das contas, o que é apresentado como típico daquela cultura [...] é, na verdade, uma prática que se deslocou do cotidiano, envelheceu e morreu como cultura, restando seu estereótipo, lugar comum e vulgar, que é apresentado como folclore, que vale como espetáculo para o turista, mas que não guarda nenhuma ligação orgânica com comunidade alguma. (NASCIMENTO, 2012, p.144)

Segundo Poutgnat e Streiff-Fenart (1997, p.129/130) os traços ou valores utilizados para se construir os limites entre os grupos não são necessariamente os

com “maior poder de demarcação”. Nesta perspectiva, podemos inferir que quando se estrutura um ‘ser étnico’ em Criciúma, busca-se construir ou “inventar” um conteúdo cultural para cada grupo em específico, mas não ‘qualquer’ conteúdo, pois, este conteúdo deve estruturar as relações dos munícipes, portanto precisa ser ‘aceito’ pelos mesmos. Em relação à isto, questões como uma culinária “típica” que talvez não estruturassem símbolos de diferenciação para os grupos no núcleo colonial, se tornam delimitadoras de limites étnicos entre os grupos. Desta forma, pretende-se estruturar um ‘sentir-se’ étnico, a partir das práticas básicas diárias, impondo nestas práticas uma simbologia de diferenciação intergrupar, ou seja, o ato de consumir “minestra” e “polenta”, ao invés de “galinha” e “repolho”, simboliza a pertença de um indivíduo ao grupo italiano e não ao polonês. Neste sentido, os aspectos culturais dos grupos étnicos abordados no discurso centenarista e no livro de Otilia Arns, não buscam construir uma relação com a Criciúma contemporânea, mas sim, criar uma atração alegórica para ser ‘comprada’ por aqueles que passam a sentir-se parte de um determinado grupo.

Em diálogo traçado com Lopreato por Poutignat e Streiff-Fenart remetendo-se à construção da identificação dos indivíduos, nos apontam que:

[...] os migrantes não deixavam a Itália como italianos mas como genoveses, venezianos, napolitanos, sicilianos, calabreses etc., e continuavam a identificar-se assim durante longo tempo, senão pelo resto de suas vidas. (LOPREATO, 1970, apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.144/145)

A respeito deste cenário, precisamos identificar que as práticas colocadas por Otilia em sua narrativa embora não englobem relação ‘direta’ com as práticas vivenciadas pelos imigrantes aos quais se referem, precisam ser “acreditadas” e “naturalizadas”<sup>5</sup> pelos indivíduos contemporâneos. Desta maneira, a autora recorre à um estilo de narrativa ao qual institui os italianos enquanto “conscientes de sua identidade étnica”, desta forma inferindo interpretações históricas errôneas, ou ao menos, tendenciosas para a invisibilização de outros grupos aos quais a mesma não se refere como “conscientes de sua identidade étnica”.

Adentrando ao prefácio do livro, escrito pelo arquiteto Altair Guidi, que fora prefeito do município de Criciúma durante os festejos do Centenário de Fundação,

---

<sup>5</sup> “[...] a identidade grupal só parece funcionar – ou, pelo menos, funcionar melhor – quando é vista por seus membros como natural, como ‘real’.” (APPIAH, 1997, p. 244)

não precisamos nos demorar para observar em que perspectiva encontrar-se-á a obra.

Os realistas que se dedicaram a preservar o que ainda resta do nosso passado, não poucas vezes tem alertado para o fato de que este é uma país sem memória. [...] Parece que o país do futuro não dá importância ao seu passado, o que é uma pena (GUIDI, 1985, p.7).

Em relação à isto já podemos notar que a obra busca trazer uma perspectiva de ‘reconstrução’ histórica, pois, a memória teria sido ‘apagada’ e coube a Otília Arns, munida do apoio municipal, ‘reconstruir’ fragmentos do passado, neste aspecto, travando uma cruzada entre aqueles que deixam esquecer e os que fazem lembrar, evocando a ‘verdade’ histórica a ser perpassada. Aqui nos apresenta então, que apesar do movimento de valorização étnica no discurso oficial, ainda que seja algo relativamente ‘novo’ na cidade, ela busca afirmar-se pela referência ao passado longínquo e ‘primordial’ da construção do núcleo urbano. Pensando este movimento, podemos apontar Hobsbawm (2018):

[...] as nações modernas, com toda sua parafernália, geralmente afirmam ser o oposto do novo, ou seja, estar enraizadas na mais remota antiguidade, e o oposto do construído, ou seja, ser comunidades humanas, “naturais” o bastante para não necessitarem de definições que não a defesa dos próprios interesses. (HOSBAWM, 2018, p. 22)

Sendo assim, na obra de Otília Arns vemos um movimento de afirmação do discurso centenarista, pautando-se no mito de fundação. Evidencia-se algo que perpassa pela obra, desde as narrativas acerca de cada grupo étnico à descrição dos festejos do Centenário de Fundação, o “pioneirismo”, o “primeiro” é o elemento fetichizado. À cargo disto, precisamos discutir uma questão problemática de sua obra, remetendo-nos à chegada dos imigrantes italianos na região de Criciúma em sua narrativa.

“Isolados de toda a civilização, viam-se os pioneiros italianos agora rodeados de mata virgem, o habitat de animais, alguns muito ferozes, e de “bugres” que viam no branco um intruso indesejável [...]” (ARNS, 1985, p.49) Desta maneira, precisamos observar que o pioneiro em sua obra, não necessariamente se refere aos primeiros habitantes da região de Criciúma, o pioneirismo trabalhado pela autora, se constitui na forma de institucionalizar quais devem ser os indivíduos à serem imbuídos de relevância primeira para a constituição do município, neste caso, os imigrantes



italianos, os *civilizados* em oposição aos *incivilizados*, ou seja, a busca por instituir *nós* e *eles*. Sendo assim, o pioneiro trata-se do primeiro *Nós* construído pela autora.

Não podemos pensar que os termos “animais ferozes” e “bugres” estão tão próximos sem motivos. A autora buscou construir a imagem do indígena como alguém à ser combatido, em um sentido de selvageria, ao ponto em que o perigo dos animais silvestres estavam em mesma relação que as populações nativas. A própria construção de um subtítulo “Os perigos – O Bugre” (ARNS, 1985, p.51) nos denota esta preocupação da autora em traçar a linha divisória entre “civilização” e “silvícolas”<sup>6</sup>, onde “os bugres muniam-se de todas as armas possíveis para investir contra os colonos.” (ARNS, 1985, p.51) buscando construir a imagem do indígena como um assassino, invasor das propriedades dos colonos, com o único desejo de destruir a então recém-nascida Criciúma.

Mas, torna-se curioso nos questionar nesta relação ‘civilizado’ e ‘selvagem’ o segundo é o invasor? Não fora o contrário que ocorrera? O imigrante adentrando em “matas virgens” como diz a autora, que encontrou aqui, vivendo livre, o indígena? Um papel assinado pelo estado, que mal encontrava seu poder sobre a região definia o imigrante italiano como ‘dono’, ou em outro termo ‘proprietário’ da terra? Não seria este, o invasor, apropriando-se da região em que viviam os indivíduos que aqui já estavam fixados? A própria utilização de palavras da autora torna-se problemática, buscando relatar testemunhos de outra temporalidade, coloca que os indígenas “roubaram uma mulher”, mas “de outro lado, consta a adoção de três crianças índias recém-nascidas pelos pioneiros italianos”. (ARNS, 1985, p.51) Desta maneira, reforçando sua visão de pioneirismo, os italianos, imbuídos de heroísmo em ‘resistência’ constante contra os indígenas estruturados enquanto ‘vilões’, e ao vilanismo não caberia o papel de “pioneiro” que contribui para a construção sociocultural de Criciúma. A construção simbólica expressada em seu livro, a linha tênue entre o ‘herói’ e ‘vilão’ continua ainda hoje, institucionalizada em nossa sociedade.

Em relação à etnia negra, é necessário destacar também, que a autora procura estipular a data de imigração deste grupo para a região, propondo que o primeiro indivíduo negro “[...] se fixou em Criciúma em 1905; um grupo de sete chegou em 1910; um, Manoel Estevão, em 1912; um, em 1917 e, mais dois, entre 1919 e

---

<sup>6</sup> A utilização do termo “silvícola” se deve ao intenso uso do mesmo pela autora, buscando intensificar a noção do indígena como “não humano”, como algo relacionado à “selvageria”.

1921 [...]” (ARNS, 1985, p.105). Nota-se aqui, que somente um nome é citado “Manoel Estevão”, mas nos outros momentos não se citam outros nomes, apenas se vieram em grupos ou individualmente, o que nos leva a pressupor que este nome tem alguma relevância na sua narrativa, assim como, a relevância de estipular a data 1912 para sua chegada, considerando aqui, como sendo objetivo de invisibilizar uma perspectiva diferente da apresentada em sua obra.

Em um artigo intitulado “Outros sujeitos na colonização de Criciúma”, com autoria de Dalana Pavei e Fernando Mazzuchetti, publicado na revista do curso de História da UNESC “Tempos Acadêmicos”, os autores nos indicam a existência da presença negra na região anterior à abolição da escravidão e à colonização italiana (MAZZUCHETTI; PAVEI, 2003), pois através de relatos orais, puderam constatar que um pequeno núcleo do município chamado de “Morro Estevão”/“Morro do Estevão” nome este, dado à região por conta de um negro fugitivo da escravidão que se estabeleceu por ali, o nome deste homem fica constado como “Estevão”, os relatos citados por Mazzucheti e Pavei, constam como sendo de entrevistas realizadas com Gabriel e João Zanette. Curiosamente, estes dois irmãos também foram entrevistados para a realização do livro Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos, mas fica o questionamento, estes relatos dados para Mazzucheti e Pavei, também foram dados à Arns, ou algum integrante do seu grupo de entrevistas? Podemos pressupor que sim, pois, quais outros motivos poderiam haver para se destacar veementemente o nome (Estevão), uma data (1912) e uma foto do indivíduo, além de invisibilizar uma narrativa de que o mesmo, sendo negro, se fixou na região de Criciúma antes mesmo do grupo italiano? Pois, a existência desta narrativa, coloca em perigo a argumentação de Arns visando institucionalizar que os “italianos” devem ser os imbuídos de pioneirismo, de primazia. Portanto, a obra não se trata apenas de impor uma narrativa identitária sobre a cidade, mas também, de invisibilizar outras formas de ser e ver o município.

Em vista do dialogado até então, podemos perceber que a obra busca estruturar as fronteiras artificiais entre os grupos étnicos, pois à partir da “invenção” de aspectos históricos, que não guardam relação com comunidade alguma, devem dirigir significado aos indivíduos contemporâneos da autora, mesmo que para sua concretização, seja necessária a imposição pela repetição.

Também podemos vislumbrar a existência de uma construção do *Nós* e *Eles*, sendo esses os indivíduos branco-europeu, e estes o não-europeu e por sua vez

‘incivilizado’. O primeiro sendo estruturado como aquele que ‘deve’ ser o pioneiro, construindo um mito fundador e institucionalizando-o. Desta forma, elabora uma visão do diferente como alguém a ser evitado e se necessário, combatido, atribuindo ao mesmo características como a selvageria, a violência ‘desnecessária’, banditismo, enfim constrói-se um vilão para atrapalhar o desenvolvimento da Criciúma étnica. Ou mesmo, em relação aos negros, optando pelo uso de determinadas datas em detrimento de outras, para assim, invisibilizar fatos divergentes dos narrados por ela.

Assim, ainda nos faltam alguns aspectos de sua obra para serem pensados e analisados, que características são atribuídas aos grupos étnicos, e sua função de diferenciação? Todos estão em “igualdade de condições” como menciona a autora, ou sua narrativa busca estruturar invisibilidades à determinados grupos, como o faz com as populações indígenas?

### 3 REPETINDO O NÃO DIZER: SILENCIANDO SUJEITOS OUTROS DO COTIDIANO

Oficialidade e catolicidade, estes aspectos são estruturados por Otília Arns com subsídios de certa forma intrigantes. Figuras políticas e eclesíásticas se tornam protagonistas em seu livro, não apenas em sua narrativa, mas na construção simbólica do Centenário e de Criciúma. Ao iniciar seu livro, Arns nos expõe à “mensagens” (mais aparentemente, ‘cartas’) de cinco indivíduos, estas mensagens são direcionadas à população de Criciúma. As duas primeiras mensagens (p.13-14) imponentes nas relações de poder se comparadas as outras, são do então Presidente da República João Batista Figueiredo e do Papa João Paulo II. A primeira, de Figueiredo, trata-se de uma fala direcionada à população de Criciúma, como poderíamos esperar, tendo em vista seu cargo político e momento, dialoga sobre “progresso”, como os imigrantes europeus contribuíram com seu “amor ao trabalho”, porém, destoia da discursiva de Guidi e Arns, pois busca vincular Criciúma ao carvão e atividades industriais, como estes contribuíram para o desenvolvimento nacional, e que Criciúma deveria continuar trabalhando cada vez mais nestes âmbitos.

A segunda mensagem consiste em uma carta do Papa João Paulo II, o qual concede à Criciúma centenária uma “Benção Apostólica Especial”, mas claro, esta mensagem tem seu público alvo, direcionada “em particular” aos descendentes de famílias italianas, seguindo-se então, com os sobrenomes das mesmas. Não podemos pensar que este direcionamento é desmotivado, tendo em vista a localização da sede da igreja Católica Apostólica Romana. A terceira mensagem (p.15) é do então governador do estado de Santa Catarina, Jorge Konder Bornhausen. Esta personagem estruturou uma breve narrativa heroica sobre os imigrantes ‘pioneiros’ que estavam então sendo festejados, atribuindo-lhes o caráter bravio de “luta”, “sacrifícios”, desbravamento, buscou instituir o ‘fundador’ como aquele que tudo faz, que constrói a prosperidade e progresso sem medir esforços.

Seguindo para a quarta mensagem, escrita por Dom Anselmo Pietrulla, então bispo da diocese de Tubarão, notamos uma narrativa que buscou construir o passado ‘pioneiro’ com forte vínculo a catolicidade, contrariamente aos chefes de estado, que atribuem o desenvolvimento regional ao trabalho, aqui vemos o cerne do ‘progresso’ como intrínseco às práticas religiosas. O trabalho, na perspectiva do bispo, vem vinculado à religião, pois de todo contribuíram para levar as famílias para a igreja ou

capela. Estruturando a catolicidade como ponto de união dos diferentes grupos étnicos, e que devido a este “espírito religioso” que a Criciúma centenária fora possibilitada com toda sua ‘prosperidade’.

Como última mensagem (p.18), intitulada “Cem anos de consciência cultural”, escrita por Dom Paulo Evaristo Arns, este indivíduo ‘traduz’ cultura como trabalho no campo e vida religiosa, permeia as felicidades e alegrias da população colonizadora como vinculada aos ritos religiosos, assim como, diz ser “natural” as práticas religiosas realizadas e “respeitadas” pelos colonos. Buscou construir uma narrativa de uma vida ‘perfeita’, onde a catolicidade seria o centro de construção da comunidade cricumense. Mas para além de sua narrativa, torna-se preciso questionar sua presença nessas mensagens iniciais, sua família ‘Arns’, seu título ‘Dom’. Além de positivar o imigrante e a religiosidade, sua presença se constitui enquanto preciosa para o livro de Otília Arns, pois, como veremos neste capítulo, a autora procura construir uma Criciúma essencialmente Católica e familiar, este último aspecto, voltado é claro, para sua família integrante do corpo eclesiástico.

Notamos então, uma característica que será de extrema importância para a compreensão da obra, trata-se de uma obra oficial, ou seja, financiada e difundida pelo Estado. Desta forma, buscando construir uma versão histórica a ser entendida como ‘verdade’, ou seja, uma identidade, um ‘ser cricumense’ que não abrisse espaço para questionamentos e outras interpretações que não aquelas contidas na discursiva identitária pautada na etnicidade.

Apresenta-se também um discurso de cunho religioso católico, e como veremos posteriormente, devido as vivências de Otília e sua família, este aspecto terá protagonismo em determinados momentos da narrativa. Tampouco iniciamos em sua obra e já percebemos, a “festa de todos” materializada em uma discursiva oficial, entretanto, não se torna tão democrática quanto esperado, a partir do momento em que institui-se a religiosidade cristã-católica como ponto fundamental em sua obra, acabando por silenciar e invisibilizar aqueles indivíduos os quais tiveram sua vivência excluída da identidade cricumense.

Portanto, ao buscar estruturar uma verdade absoluta para as narrativas construídas, aporta-se no evento que orientou a produção do livro, o Centenário de Fundação. A orientação pelo evento, se dá pela razão de aproximar o público, levando em consideração que o livro se dirigia a população de Criciúma, pois o mesmo

participou das atividades culturais do “ano 100”, neste processo, visou encontrar maior aceitabilidade por parte do público no que se colocava como verdade em sua escrita.

A comemoração do primeiro centenário de Criciúma, como conscientização histórica, não podia encerrar-se sem uma avaliação científica dos conteúdos que a ensejaram. É esta a razão do presente livro. (ARNS, 1985, p.9)

Ao apontar o Centenário de Fundação como uma “conscientização histórica”, a autora busca ‘solidificar’ a discursiva como sendo a ‘identidade’ de Criciúma, única possível, visa tornar esta narrativa, tão longínqua temporalmente dos indivíduos como algo ‘natural’ em sua essência. Logo em sua introdução, Otília Arns nos dá a sua noção sobre o Centenário de Fundação, aparecendo o discurso centenarista como uma “conscientização histórica”, mas o mesmo, não poderia ter respaldo sem sua obra, sem a “avaliação científica”. Como poderemos notar, essa avaliação científica aparenta ser a positivação materializada daqueles discursos centenaristas anteriormente produzidos, invisibilizando determinados grupos em detrimento de outros, não obstante, uma positivação e imposição do catolicismo como única e exclusiva religiosidade.

Sendo assim, no presente capítulo buscaremos estruturar um diálogo acerca da catolicidade apresentada por Otília Arns (1985) nas suas narrativas acerca dos grupos étnicos, em especial dos grupos italianos e alemães. Procurando com isto, manifestar o silenciamento de diferentes práticas religiosas que não aquelas vinculadas ao cristianismo católico, assim como, identificar em que medida este é utilizado como aporte para a invisibilização de outros grupos.

### 3.1 CATOLICIDADE: OPERACIONANDO AS DIFERENÇAS

Como dialogamos, um aspecto imprescindível para a compreensão da obra se torna a religiosidade. Expressa na narrativa como intrínseca em todos os aspectos da sociedade sendo que “apoiavam-se nela para se defender contra os perigos, enchentes e doenças” (ARNS, 1985, p.55). Desta forma, evidencia ainda mais a construção do indígena como ‘vilão’, pois se a religião Católica Apostólica Romana é o seu aporte contra os perigos, indubitavelmente o indígena, o não cristão, seria seu inimigo ‘perfeito’, aquele que tentou barrar a construção de uma Criciúma pautada na catolicidade. A religiosidade se torna um aspecto imprescindível para o desenvolvimento da colônia, sendo assim, coloca papel de protagonismo aos

integrantes do corpo eclesiástico, como sendo aqueles que garantiam a unicidade da população, intervindo em casos de brigas, se ocupavam com os doentes, envolviam-se nas escolas, e preocupavam-se com o bem estar da comunidade (ARNS,2018, p.59). Na perspectiva da autora foram os italianos que se empenharam veementemente para a construção e institucionalização da religião (católica) em Criciúma, e não deixaram em momento algum, de praticar seus ritos em suas residências ou demais espaços da sociedade, e que por conta desta determinação pela religiosidade conseguiram vencer as adversidades e estruturar 'progresso' para Criciúma.

Em relação a afirmação anterior, precisamos delinear que a narrativa construída por Arns acerca da catolicidade, vem incutida de uma perspectiva étnica, isto é, a etnicidade e a catolicidade se fundem, ao ponto em que, não se consegue conceber uma sem a outra. Segundo Otto (2006) "italianidade" e "catolicidade" acabam por fundirem-se no binômio "fé/italianidade". Porém, também devemos pensar sobre o significado desta "italianidade", seja conjuntamente ao catolicismo, ou 'isoladamente'.

Conforme dialogado anteriormente acerca do sentimento de pertença étnica dos indivíduos italianos, percebemos que os mesmos não se entendiam como "italianos" no sentido contemporâneo de nacionalidade, mas identificavam-se com o seu vilarejo, cidade, região, etc., desta forma, devemos identificar que, embora quando fora realizada a migração italiana para o sul de Santa Catarina a Itália já fosse unificada, ainda não 'existia' um ser italiano. Desta forma, destaca-se no sul catarinense um movimento de promoção do sentimento de italianidade naqueles indivíduos que migraram para essa região. Claricia Otto (2006) identifica dois discursos diferentes para o sentimento de pertença étnico, sendo um promovido por padres italianos, e outro, promovido pelos representantes do Estado italiano.

A elite italiana tinha em mente a Itália Unificada, ao passo que os padres italianos, assim como os colonos, tinham em mente os lugares natais que os vinculavam à lembrança de um modo de prática do catolicismo, ou seja, de ser italiano. (OTTO, 2006, p.80)

Com isto, Otto nos apresenta que este discurso de "italianidade" promovido pelos padres italianos, se realizam na tentativa de fazer com que os colonos mantivessem sua língua materna (que podiam ser também os dialetos de suas

respectivas regiões) e costumes. Desta forma, promovendo uma certa 'continuidade' do modo de vida, para assim, preservar o vínculo com a fé católica. Desta maneira, podemos inferir que a "consciência étnica" apontada por Arns (1985) em respeito ao grupo ítalo, careceu de pesquisa mais aprofundadas acerca deste aspecto, ou seja, é aparente a falta de uma discussão acerca da construção deste sentimento de "italianidade", como ela fora construída pelas elites locais, cônsules e padres italianos, especialmente em respeito aos últimos, sobre os quais a autora apresenta que eram pedidos pelos colonos.

As visitas esporádicas dos sacerdotes [alemães] à comunidade de Criciúma, no entanto, não satisfaziam de todo aos anseios da população, que desejava, ardentemente, a presença de um sacerdote italiano que residisse entre os imigrantes pioneiros. (ARNS, 1985 p.57)

Neste meio, Arns busca construir uma visão de que a necessidade de um padre italiano em Criciúma era devida a uma consciência da população de sua etnicidade, sendo que, conforme nos aponta Otto (2006), os pedidos por padres italianos se davam em decorrência das divergências entre a igreja católica brasileira e a que eram acostumados a terem vivência na Itália. Nesta última, os padres residiam na paróquia e conviviam com a comunidade, sendo que na brasileira, os padres em grande parte, circulavam por diversas paróquias vinculadas à uma mesma diocese. Portanto, essa busca por um padre italiano, se constitui em uma tentativa de manter a vida comunitária, neste caso, a vida religiosa, com uma certa continuidade com aquela de seus lugares de origem na Itália, e não por uma consciência étnica/nacional. Também precisamos destacar que os padres exerciam um papel de relevância na vida cotidiana, seja como um líder religioso ou mesmo político, isto é, um indivíduo que participava ativamente nas decisões e tramas políticas do núcleo colonial, aconselhando indivíduos, resolvendo 'intrigas' entre famílias, de certa forma, era um guia dos indivíduos, tecendo uma rede de sociabilidades. Desta forma, podemos compreender que a necessidade de um padre italiano se dava também pela procura de um indivíduo que se relacionava com a comunidade religiosa, política e socialmente, auxiliando-os na construção de um novo viver social, longe de seu lugar de origem, a língua portanto, se torna fundamental para integração destes indivíduos.

Nesse âmbito, Otto (2006, p.81) menciona que tanto os franciscanos alemães quanto os padres italianos esforçam-se para preservar a língua falada pelos



imigrantes como uma forma favorável de manutenção da fé. Portanto, enquanto estes utilizam-se da “italianidade” para propagar a fé católica, as elites italianas locais e os cônsules do Estado italiano utilizam-se da mesma expressão, porém com objetivos distintos, no sentido de ‘produzir’ italianos, na perspectiva de um Estado nacional. Porém, Otto nos aponta que este discurso não surtia efeito tão proveitoso quanto o de cunho católico, pois a religiosidade tinha grande prestígio dentre os colonos. Sendo assim, Otto nos revela que o processo de unificação da Itália acabou influenciando na separação entre Estado e Igreja, desta forma gerando conflitos entre ambos. Sendo assim, a Itália unificada se constitui, de certa forma, em um processo “anticatólico”, o que por sua vez, acaba por gerar visões negativadas nos indivíduos que vieram para o Brasil e tinham sua vivência italiana muito vinculada ao viver religioso. Portanto, conquista-se uma adesão maior ao sentimento de “italianidade” difundido por padres, vinculado à um viver italiano/católico, do que o promovido por representantes do Estado, com um discurso de cunho nacional patriótico.

Nesse contexto, percebemos que a religiosidade e a etnicidade se tornam amplamente vinculadas, na qual a primeira promove imensamente a segunda como uma forma de manter vínculo com seus fiéis e impedir que os mesmos ‘abandonem’ o credo católico. Diferentemente do que busca estruturar Otília Arns (1985), fazendo o movimento contrário, em que a etnicidade/italianidade promoveria a fé católica, desta forma construindo os indivíduos italianos como munícipes fiéis à sua origem étnica a ponto de não aceitarem sacerdotes de diferentes grupos.

Ainda sobre a catolicidade, ao discorrer sobre a etnia negra, Arns nos apresenta que as famílias deste grupo valorizavam a religião, e que “os negros eram católicos apostólicos romanos” (ARNS, 1985, p.107), e para enfatizar esta afirmação, cita diversos relatos obtidos em entrevistas, nos quais reafirmam a pertença a fé católica. Nos expõe que os “[...] negros valorizavam e sentiam-se honrados em ter um filho padre ou filha irmã.” (ARNS, 1985, p.107). Desta forma, a autora deixa no ocultamento quaisquer outras práticas religiosas que pudessem ser vinculadas ao grupo.

Jussara Marciano de Oliveira (2014), em seu trabalho de conclusão de curso, promoveu uma discussão em específico sobre a etnia negra no livro de Arns (1985), e em sua análise sobre a religiosidade, nos aponta que: “No caderno pedagógico de Criciúma há informações de que os negros participavam da religião de matriz africana

desde meados do ano de 1925, com a instalação do primeiro terreiro de Umbanda no bairro Santo Antônio.” (Oliveira, 2014, p.32).

Em vista deste cenário, devemos inferir que, assim como dialogamos no primeiro capítulo acerca do ‘pioneirismo’ italiano, a catolicidade também torna-se um aspecto imprescindível para a construção narrativa oficial de Criciúma. Pois, não se busca ao que parece, relatar a diversidade religiosa existente no cotidiano do município, seja no passado ao qual refere-se a autora, ou mesmo em relação ao momento de escrita do livro. Buscando construir assim, uma “tradição” religiosa para Criciúma.

O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume” [...] não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. (HOBSBAWM, 2018, p. 8-9)

Desta forma, compreendemos que o esforço proposto por Arns (1985) acerca da religiosidade, trata-se um movimento de instauração da catolicidade como a “tradição” do município, sendo necessária a manutenção da mesma na vida dos munícipes, impondo esta como uma prática fixa, exercendo sua ‘importância’ por meio do esforço da repetição, ao ponto em que disserta sobre a catolicidade em todos os grupos étnicos. E as práticas religiosas que descreve nos grupos étnicos seriam os “costumes” realizados pelos cidadãos (a eucaristia, crisma, a forma como realizam os batismos, procissões, etc.). Desta forma a autora busca institucionalizar a catolicidade como única compreensão de mundo possível à Criciúma, sendo os “costumes” modificáveis com o passar dos anos, neste âmbito, traçando uma narrativa acerca das práticas religiosas realizadas pelos ‘pioneiros’ e pelos descendentes, e a catolicidade a “tradição” de Criciúma, institucionalizada e imposta pela repetição.

Para compreender melhor o papel relevante da catolicidade na narrativa de Arns, devemos apontar que a autora buscou estruturar uma narrativa relacional ao apontar um grupo de luteranos na comunidade de Criciúma. Neste sentido, a autora indica que o grupo da “etnia teuto-russa” não se fixou na região por um período longo de tempo, ao chegarem em Criciúma e perceberem que não era como a terra que lhes fora prometida pelos emissários na Europa, esses indivíduos decidem ir embora. Neste grupo, a autora menciona sua religião, mas pouco discorre sobre a mesma,

também não cita seu apego à esta religiosidade, ou mesmo se realizavam seus ritos. Sendo assim, procura reduzir este grupo em relação aos outros, pois sendo luteranos e sofrerem com falsa propaganda, realizaram um êxodo da região, construindo a visão de Criciúma com apenas uma religiosidade, o catolicismo já que os *outros* deixaram a região.

Portanto, os italianos, os poloneses, os alemães que eram católicos, também sofreram com essa propaganda falsa, mas continuaram na região, e trabalharam para o seu desenvolvimento, desta forma, construindo a percepção que a diferença de religiões influenciou diretamente no processo de fixação dos indivíduos em Criciúma, e conseqüentemente, no seu trabalho para o desenvolvimento e progresso do município. Outro aspecto à ser destacado, é a duração da narrativa sobre este grupo étnico (teuto-russo), que fica marcado em apenas 3 páginas de seu livro (p. 117-119), em relação à etnia italiana com suas 38 páginas (p. 39-77), e “a etnia alemã de Forquilha” com 22 páginas (p. 123-145), esta última tem papel de destaque na obra de Otilia, talvez justificando a diferença da narrativa em relação a teuto-russa.

Otilia Arns buscou dar atenção especial para a “etnia alemã de Forquilha”, pois nesta, estão incluídos alguns de seus antepassados, sendo alguns deles, envolvidos no corpo eclesiástico católico, tendo aqui, um aspecto decisivo, por que dar atenção à alemães luteranos, sendo que os alemães que importam à Otilia são os católicos, da qual a mesma e sua família fazem parte? Antes de adentrar à esta discussão, precisamos delinear que a autora em seu subtítulo busca territorializar o grupo como sendo “de Forquilha”<sup>7</sup>, entendemos que esta territorialização se constitui devido à relevância que a autora depositará no grupo, pois, se Criciúma se constitui em sua narrativa como sendo ‘de italianos’, os alemães não podem tomar relevância equivalente ou superior à esses, portanto busca os territorializar em outro âmbito (neste caso, em um distrito) para respaldar sua ‘grandiosa’ relevância.

Um dos aspectos aqui presentes, assim como discutimos no primeiro capítulo é o pioneirismo, neste momento, territorializado em Forquilha, pioneiros estes, expostos como os italianos ‘de Criciúma’, indivíduos a serem aclamados. Na etnia alemã, não poderia ser diferente, lá está o primeiro sobrenome dos colonizadores alemães “1. Arns” (ARNS, 1985, p. 123). Na narrativa acerca da etnia alemã os papeis

---

<sup>7</sup> Devemos destacar que no ano de 1989 Forquilha se torna município emancipado de Criciúma, portanto torna-se preciso se questionar se esta territorialização já seria um prelúdio deste evento ocorrido quatro anos após a publicação do livro.

protagonistas ficaram para indivíduos da família Arns, que por sua vez, envolveram-se no corpo eclesiástico, e contam com breves biografias.<sup>8</sup> Neste capítulo vemos traços não das vivências da comunidade de imigrantes alemães em geral, mas sim, dos que envolveram a família Arns. Por consequência, todos os aspectos descritos acerca da etnia alemã perpassam pela religiosidade, não apenas na igreja, ou no lar, mas nas decisões políticas, na construção da colônia, a religião toma parte da vivência, e não obstante, é a mola propulsora para seu desenvolvimento, pois, contrariamente àqueles que eram luteranos, não deixaram a região por conta das dificuldades.

Neste cenário, ao discorrer sobre as instituições educacionais de Forquilha atribui à Jacob Arns o papel de protagonismo, personagem esta, que será apresentada diversas vezes em sua narrativa, seja nas decisões religiosas, civis ou políticas, além disto, aparece como o “1º” a realizar quaisquer ações, não poderia não o ser, tendo em vista o caráter privilegiado o “fazer primeiro” tem em sua obra. Jacob Arns faz as rezas aos domingos, prepara as crianças para a primeira comunhão em 1919 e funda uma escola particular por ter sido demitido da estadual por conta do processo de nacionalização (ARNS, 1985, p. 134-135).

A autora dialoga também, a ocorrência de uma “crise econômica” na região a partir dos anos de 1926 e 1927, situando que os colonos faziam dívidas, não tomando consciência da existência da “crise econômica”, também atribui à um sindicato (não menciona qual) o papel de baixar o preço da banha, atingindo desta forma, os colonos que a produziam e vendiam. Mas que apesar das dificuldades, pessoas desejando ir embora, é “contornada” e superada, por conta da movimentação de Gabriel Arns e Padre Paul Linartz, que evitam o êxodo dos alemães, fundam uma fábrica de laticínios, buscam novos colonos para a região, e conquistam auxílio das “Irmãs Escolares de Nossa Senhora” (Arns, 1985, p. 137-140). Vemos então, que a superação das adversidades encontradas pelos alemães na região de Forquilha, na perspectiva da autora, foi sempre pela constante ação da igreja católica.

Ao referir-se a atuação dos franciscanos alemães e padres italianos nos núcleos coloniais em Santa Catarina, Otto nos aponta que:

---

<sup>8</sup> A narrativa acerca da etnia alemã consta com a biografia de Gabriel Arns e Dom Paulo Evaristo Arns “O cardeal do povo”. (ARNS, 1985, p. 143-145)

Ambos, de certa forma, exerceram uma prática de dominação na medida em que não levavam em consideração o novo espaço que esses imigrantes estavam inseridos. Inclinaram-se também a um certo colonialismo ao exaltarem a cultura europeia em detrimento da brasileira ou latino-americana. (OTTO, 2006, p.81)

Inferimos então, que esta construção de Arns (1985) invisibilizando outras práticas religiosas, que não aquelas vinculadas ao catolicismo, se constituem em relação as religiosidades vinculadas à classes mais baixas da população, como as religiões de matrizes africanas, não discutidas na obra de Arns, sendo apresentada somente a catolicidade vinculada as elites 'europeias' do município. Portanto, trata-se da institucionalização de uma "tradição" Criciumense, como também da imposição da cultura da elite do município de Criciúma, construindo de certa forma, um colonialismo cultural na cidade.

Neste contexto, precisamos discutir acerca das narrativas construídas sobre as etnias 'lusa' e 'negra', nestas duas, podemos inferir que a escrita tem um caráter relacional com as outras etnias, não em perspectiva de compará-las, mas sim, de legitimar/positivar as demais etnias em detrimento destas. A fim de pensar este caráter relacional, podemos apontar o texto de Michele Gonçalves Cardoso, ao dialogar acerca das obras de Padre João Dall'Alba e a necessidade de se construir um discurso pluriétnico em relação ao sul de Santa Catarina:

Estavam em disputa não somente a representatividade dos grupos nas publicações locais, mas o modo como seriam publicamente apresentados. Estar contemplado nas obras não significava uma construção igualitária entre os grupos, ou mesmo que esses seriam necessariamente positivados. Como vimos, em alguns casos, a presença de certos grupos servia muito mais para destacar as características de outros do que necessariamente para cunhar uma identidade étnica, ou ainda, serviam para a própria estigmatização do grupo. (CARDOSO, 2018, p.169)

Desta forma, portugueses e negros ganharam visibilidade na obra de Arns, porém como já vimos com Campos (2003), esta visibilidade não significa estar incluído na identidade étnica da cidade. Destoante do que fora apontado nos grupos étnicos italiano, polonês e alemão, onde os mesmos são apontados como "pioneiros", os primeiros, que trabalharam para o desenvolvimento da região de Criciúma, vemos um discurso inverso na etnia portuguesa. "Com o progresso de Criciúma e um maior aproveitamento do carvão, com os serviços ofertados em consequência da construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, muitos brasileiros de origem lusitana procuravam seu sustento na cidade [...]" (ARNS, 1985, p.98). Inferimos então, que

implicitamente na narrativa de Arns, os portugueses não contribuem para o “progresso” do município, eles adentram o município por conta do desenvolvimento já estruturado pelas outras etnias europeias. Em relação à isto, precisa-se destacar a expressão “brasileiros de origem lusitana”, pois, italianos, poloneses e alemães, não são tratados como ‘brasileiros’, mas sim, europeus vivendo no Brasil, em sua obra, não apenas o pioneirismo e a ‘origem’ são fetichizados, mas também, o europeu, como aquele que promove o ‘progresso’, sendo assim temos a construção do *nós* e *eles*, um *eu* europeu, em oposição ao *outro*, ‘brasileiro’, sem muita noção de ‘origem’, que não promove o desenvolvimento, mas se aproveita dele após realizado. Podemos perceber também, este caráter de inferiorização da etnia portuguesa quando a autora trabalha com características culturais, referindo-se aos mesmos como:

Na verdade, os representantes da etnia lusa de Criciúma não formavam uma comunidade e a cultura portuguesa que trouxeram para o sul era a cultura então dominante no Brasil. [...] Constate-se que a tônica predominante no seu modo de vida foi a adaptação ao meio, assimilando os costumes dos habitantes da região, sobretudo quanto à alimentação, diversões e agricultura. (ARNS, 1985, p.99)

Da mesma maneira, temos a narrativa em relação à etnia negra onde “os pioneiros negros, de modo geral, não valorizavam muito a cultura.” (ARNS, 1985, p.108). Desta forma, devemos inferir que os portugueses e negros aparecem em sua narrativa apenas para reforçar a ‘superioridade’ das demais etnias europeias, pois segundo a autora, elas mantiveram-se unidas enquanto comunidade, ao ponto em que salvaguardavam sua cultura, contribuindo para a construção cultural de Criciúma, em relação aos portugueses que não mantiveram-se vinculados às suas ‘origens’, aceitando o que lhes era imposto pelos diferentes grupos, ou no caso da etnia negra, não valorizando a cultura, desta forma, não contribuindo para as dinâmicas culturais da região.

Podemos destacar que esta colocação de “brasileiros de origem lusitana” se constitui como uma forma de depreciar, ou mesmo, invisibilizar sujeitos que anteriormente foram legitimados pelo governo brasileiro. A partir de 1936 o Brasil começou a implementar uma campanha de nacionalização, passando desde o ensino até as ações cotidianas. De acordo com Fáveri (2002), nas políticas implementadas, ocorreram as censuras de jornais em língua estrangeira, muito difundidos no período, e também a proibição da fala em língua estrangeira, o que acabou afetando e gerando

violências contra muitos indivíduos que viviam em Santa Catarina. Estas medidas visavam elaborar uma identidade brasileira, um sentir-se brasileiro, portanto, diversas vozes e vidas foram silenciadas e invisibilizadas. Com a entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra (1942) as políticas repressivas se intensificaram, resultando no aprisionamento de diversos imigrantes, em especial, aqueles vinculados à países do Eixo: Itália, Alemanha e Japão. A apreensão e destruição de livros e jornais em língua estrangeira, também fora uma prática exercida, destruindo assim parte dos relatos da imigração destes indivíduos. Neste período da Segunda Grande Guerra, Fáveri (2002) destaca que a polícia política atuava pela lógica da “suspeição”, ou seja, uma denúncia, ou mesmo a suspeita de vínculos de um indivíduo com os países ‘eixistas’ resultavam em seu aprisionamento, considerados inimigos de guerra.

Entremeadas à produção de medos, revanchismos e denúncias, eram as prisões a maior desgraça naquele momento: desde campos de concentração, delegacias e cadeias locais, até castigos e violências físicas atormentaram o cotidiano de boa parte da população do Estado catarinense nos anos da Segunda Guerra. Homens e mulheres temeram essas denúncias com medo da prisão, do afastamento da casa e da família; escreveram cartas às autoridades pedindo clemência; foram inquiridos nos tribunais. Destas redes ficam cicatrizes, rancores e ressentimentos que cavoucam nas memórias. (FÁVERI, 2002, p. 153)

Com as discussões de Fáveri podemos perceber que durante a efetivação das políticas de nacionalização, principalmente no tocante ao período a partir de 1942, o medo e incerteza toma parte das vivências de imigrantes em Santa Catarina. Suas vidas foram invisibilizadas, suas vozes silenciadas, a documentação que (re)lembrava sua vida no país de origem, destruída. Percebemos então, o intenso processo de enclausuramento das vivências destes indivíduos, para então, valorizar o *nós* brasileiros. Como bem coloca a autora, restaram “cicatrizes, rancores e ressentimentos”, talvez ressentimentos estes, motivam Arns na sua produção de um *nós* descendente ítalo/germânico, uma forma de ‘apagar’ aquele antes sobrevalorizado em movimento violento.

A partir da década de 1970 estas políticas começaram a cair em desuso, mas extintas somente em 1986, com isto, podemos inferir que a obra de Arns (1985) também se constitui como uma forma de posicionar outros sujeitos perante as identidades regionais, desta forma, buscando invisibilizar o pautado até então, o ‘brasileiro’, praticamente inexistente em sua obra. Por isto, busca evidenciar a presença estrangeira no cotidiano de Criciúma, ou mesmo, uma forma de evidenciar

o seu grupo como relativamente mais influente no viver Criciúma, mas isto, não pode servir como justificativa as invisibilidades e silenciamentos praticados em sua obra.

Devemos destacar também que a 'cultura' expressa por Arns em sua obra trata-se de uma cultura erudita vinculada ao letramento, escolas, deixando de lado outras características, como a música, a arte, e quaisquer outro 'saber fazer'. Embora a autora dialogue que os negros davam valor à música e as artes (ARNS, 1985, p.109), cita, como vimos anteriormente, que os mesmos "não valorizavam a cultura", pois sua preocupação mais emergente era sustentar a família. Logo podemos inferir que, a autora deixa de dialogar sobre aspectos socioculturais, como a pertença dos indivíduos negros às classes mais baixas enquanto italianos ocupam as elites urbanas de Criciúma, para desta forma, utilizar-se dos indivíduos desse grupo para supervalorizar de outros. Pois, no ponto em que um valoriza a cultura escolar e outro não, constitui o entendimento de maior relevância desse para a construção dos "bons frutos" de Criciúma.

Por fim, podemos perceber que a catolicidade na narrativa de Arns toma espaço importante na sua construção de relações entre os grupos étnicos, servindo para traçar barreiras entre aqueles que contribuem para o 'progresso' de Criciúma e os 'menos influentes' nas dinâmicas urbanas. A catolicidade surge também como aporte para invisibilizar outras práticas religiosas, como as religiões de matrizes africanas, com este movimento, estruturou um aspecto de vínculo entre as 5 etnias às quais procurou dissertar, ao ponto em que, segundo a autora, todos seriam católicos, com exceção do grupo teuto-russo, que por sua vez, é o com menor destaque em sua obra. Desta forma a autora buscara construir uma 'colonização' da cultura de Criciúma, na qual apenas as práticas das elites cidadinas se tornam presentes em seu discurso narrativo. Notamos que a autora visou constituir o grupo italiano como indivíduos conscientes de sua etnicidade/nacionalidade sem discutir os processos históricos de construção deste sentimento, que por sua vez, foram posteriores ao assentamento dos imigrantes nas regiões de Santa Catarina, ou mesmo, a falta de uma simples citação de que estes indivíduos identificavam-se mais com seu vilarejo/cidade de origem do que com seu país unificado. Buscou também estruturar a invisibilidade e inferiorização dos grupos negro e português a partir de um caráter relacional, isto é, presentificou estes grupos em sua narrativa para valorizar os demais, ao ponto em que aparecem como destoantes dos demais grupos europeus.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho buscou-se estruturar uma análise acerca de questões presentes na obra produzida por Otilia Arns (1985), publicada posteriormente ao Centenário de Fundação de Criciúma (1980). A pesquisa possibilitou evidenciar lacunas existentes no tocante as relações interétnicas narradas pela autora, tendo em vista a sua vasta utilização em pesquisas relacionadas à colonização da região, como também ao Centenário de Fundação.

Por consequência, procuramos estabelecer a relação da obra com o discurso centenarista, sendo a obra de Arns, sua materialização, que visou estruturar de maneira hierárquica os grupos étnicos evidenciados durante os festejos do Centenário de Fundação. Mas isto não significa dizer que a obra surge e ‘deixa de existir’ na década de 1980, pelo contrário, podemos notar sua difusão em diversas produções acadêmicas no sul de Santa Catarina, vinculadas à UFSC, UDESC, e principalmente UNESC.

Para além das produções acadêmicas devemos destacar que a obra influencia ativamente no discurso étnico ainda ativo no município de Criciúma, à exemplo disto, a Festa das Etnias, surgida em 1989 como Quermesse de Tradição e Cultura. Nos dois primeiros anos promove as cinco etnias propostas pelo centenarismo, porém, em 1991 acrescenta-se a etnia árabe, e em 2000 a etnia espanhola. Podemos perceber que o ‘ser étnico’ no município de Criciúma continua constantemente sendo (re)significado, novos sentidos são produzidos, e ‘atualizados’ anualmente. Portanto, o discurso étnico, se consolidou de forma a possibilitar uma ‘produção’ de novos grupos étnicos no município, para além daqueles apontados na década de 1980 com a proposta de Guidi e a narrativa de Arns.

Na discussão do livro, evidenciou-se a existência de uma narrativa invisibilizadora de determinados grupos étnicos no município de Criciúma, mais precisamente, indígenas, negros e portugueses, ao ponto em que estes grupos são apresentados na obra de forma a sobrevalorizar os grupos ítalo e germânico. Para tal, utilizando-se de aspectos como nacionalidade, ‘pioneirismo’, cultura e religiosidade. Este último, utilizado não somente na invisibilização de grupos étnicos, como também para o silenciamento de práticas e vivências outras, divergentes do catolicismo. Apontando então, para a institucionalização de um *nós* e *eles* no cotidiano de vivências cricumenses.

Devemos destacar então, que Criciúma recebe anualmente diversos indivíduos migrantes, portanto, temos que nos questionar se a utilização deste discurso étnico no tempo presente não acaba por invisibilizar estes indivíduos, como anteriormente a fez Arns com as etnias lusa, negra, e as populações indígenas.

Desta maneira objetivou-se estruturar e propor uma discussão acerca do livro “Criciúma 1880-1980: A semente deu bons frutos” (1985), ou seja, propor visões outras sobre o processo de construção de um ‘viver’ Criciúma pautado no discurso étnico, desta forma, idealizando incentivar outros pesquisadores a (re)pensarem a narrativa de Arns e sua intensa utilização. Tendo em vista as limitações deste trabalho, como por exemplo, a falta de uma discussão acerca da etnia polonesa, devemos destacar que o conteúdo à ser analisado em sua obra está longe de ser esgotado, sendo necessárias propostas de novas discussões, seja com diferentes temáticas vinculadas à obra, ou mesmo, por diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

## REFERÊNCIAS

- ARNS, Otilia. **Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis: IOESC, 1985. 260 p.
- APPIAH, Kwame Anthony. Identidades Africanas e epílogo. In: **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: contraponto, 1997. p. 241-268.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005. 110 p.
- CAMPOS, Emerson César de. **Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002)**. 2003. 235 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- CARDOSO, Michele Gonçalves. **As missões de Pe. João Leonir Dall'Alba: História, memória e produção de discursos étnicos sobre o sul do Brasil**. 2018. 302 p. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- FÁVERI, Marlene de. Cicatrizes desta "outra" guerra. In: FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a segunda guerra em Santa Catarina**. Florianópolis. 2002. p. 153-217.
- FÁVERI, Marlene de. Retalhos de dramas cotidianos. In: FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a segunda guerra em Santa Catarina**. Florianópolis. 2002. p. 278-302.
- FROTSCHER, Méri. **ETNICIDADE E TRABALHO ALEMÃO: outros usos e outros produtos do labor humano**. 1998. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. O presente como história. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 315-331.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 12. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2018. 392 p.
- MAZZUCHETTI, Fernando; PAVEI, Dalana. Outros sujeitos na colonização de Criciúma. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 1, p.57-65, 2003. Semestral.
- NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma - SC (1945-1980)**. Criciúma: Ediunesc, 2012. 176 p.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FEMART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998. 249 p.